LÉVY, BERNARD-HENRI, *Le Siècle de Sartre*, Ed. Bernard Grasset, Paris, 2000

Le Siècle de Sartre. Foi este o título que Bernard-Henri Lévy (BHL) atribuiu à obra volumosa, minuciosa, que dedicou a Jean-Paul Sartre e na qual revisita o multímodo universo sartreano e, em simultâneo, dialoga com um século ao qual Sartre está associado como referência nodular incontornável.

O ensaio de BHL não se limita a analisar o trajecto filosófico e literário de Sartre é a espaços uma fina viagem biográfica esmiuçando a vida deste nos mais íntimos pormenores. Desde a relação amorosa privilegiada com Simone de Beauvoir, tomada como modelo de uma época, até às múltiplas relações paralelas, passando pela história familiar, pelas relações de amizade, quase sempre agitadas, pelas intervenções cívicas e políticas, quase nada é esquecido nesta abordagem ao universo sartreano.

Desde o Sartre de *La Nausée* até *Pouvoir et Liberté*, BHL enceta um périplo pela obra do pensador francês que mais terá marcado o século XX. E o que encontra, mais do que um sentido de unidade no pensar, é a clivagem marcada entre dois períodos absolutamente distintos e aparentemente irreconciliáveis. Se quiséssemos encontrar um fio condutor deste extenso ensaio talvez não fosse desajustado falar de um Sartre cindido, uma espécie de Dr. Jekyll e Mr. Hyde, um, pensador libertário, anti-humanista, pessimista, e outro, o outro de si-mesmo, dogmático, humanista, optimista, um 'bom' Sartre e um 'mau' Sartre. Contudo, como frisa repetidas vezes BHL, períodos há em que este duplo coabita e apesar da proeminência de um deles o outro ainda assim se manifesta[1].

---

[1] "[...]les choses sont mêlées. Enchevêtrées. Il n'y a pas le "bon" Sartre, impeccable – et, séparé de lui par la frontière d'une chronologie d'airain, le mauvais Sartre, le Sartre perdu, un Sartre entièrement misérable qui ne cesserait de se tromper et d'entraîner l'époque dans son égarement. Ou, plus exactement, il y a bien deux Sartre. On peut, parce que c'est tout de même, grosso modo, exact et qu'il y a bien une ligne fragile, mouvante, perpétuellement déplacée, qui divise sa vie en deux et qui divise aussi son œuvre, dire "le premier" et "le second". On peut même, comme je l'ai fait jusqu'à présent, continuer de dire "le jeune" (en gros: le Sartre de *La Nausée*, de *L'Etre et le Néant*, à la rigueur du *Saint Genet* et de *Qu'est-ce que la littérature*) et "l'autre", ou "le second" (celui du compagnonnage de route avec l'URSS et le PC – celui des *Communistes et la paix*, des *Damnés de la terre*, de la *Critique de raison dialectique*). Mais les deux périodes se chevauchent. Elles mordent constamment l'une sur l'autre. C'est comme si les deux Sartre n'en finissaient pas de se corrompre, de se contaminer, de sévir l'un dans l'autre." Lévy, Bernard-Henri, *Le Siècle de Sartre*, Ed. Grasset, Paris, 2000, pp. 459-460.

Os territórios político-filosóficos de Sartre e BHL pouco mais têm, na sua essência, do que um curto período de contemporaneidade, e esta vivida em universos distintos, dificilmente paralelos, porque talvez nem no infinito se pudessem encontrar[2]. Embora BHL reivindique proximidade ao primeiro Sartre de *La Nausée* e de *L'Etre et le Néant* e ao último Sartre dos *entretiens* com Bénny Lévy, que já fora o maoista Pierre Victor, e de que resulta, entre outras obras, *L'Espoir Maintenant,* esse extenso período que vai sensivelmente de 1940 a 1980, a época do terror e do totalitarismo, seria, na sua opinião, uma espécie de vazio de ideias, homicídio voluntário do grande pensador, um ocaso filosófico provocado pela cegueira política.

É mais ou menos consensual a tese de que a obra filosófica de Sartre é marcada em grande medida, e em primeiro lugar, pelos três 'H', a saber, Hegel, Husserl[3] e Heidegger[4]. Eles são sem sombra de dúvida os três interlocutores privilegiados na sua obra maior *L'Etre et le Néant.* Porém, e convocando o conceito de *situação,* não nos podemos esquecer, aliás como refere BHL, que ao tempo em que Sartre frequenta a Ecole normale supérieur a figura tutelar em França é a de Bergson, assim é também *por* Bergson e *contra* Bergson que a obra de Sartre se começa a delinear.

Como realça BHL, a obra de Sartre é com frequência uma espécie de *pastiche*, e não o é só na vertente filosófica, mas também na sua produção literária. Quer uma quer outra resultam de um intenso e profícuo diálogo com as figuras cimeiras nessas duas áreas, e esse diálogo resulta quase sempre numa apropriação transgressora dos conceitos, dos temas, dos estilos, da qual resulta uma voz própria, iconoclasta, e pouco preocupada com o rigor ou adequação que os conceitos, os temas, teriam no lugar da sua proveniência, quando transpostos para a sua nova morada[5].

Se há que se ser ambicioso, então que se seja de forma desmesurada, e é isso que Sartre dá provas, ao querer ser em simultâneo Stendhal e Espinosa,

---

[2] A propósito da distância que separa Sartre de Bernard-Henri Lévy, atente-se na seguinte passagem logo nas primeiras páginas do ensaio: "[...]j'imagine la stupeur de mes maîtres des années soixante-dix si je leur avais dit que j'envisageais, un jour, de consacrer un livre à Sartre." *idem*, p. 12.

[3] Na perspectiva de BHL do encontro de Sartre com a obra de Husserl resultam quatro 'tipo de efeitos': "1. La chose. Revenir à la chose même. [...]; 2. La subjectivité. Une subjectivité bizarre, sans doute. [...]; 3. Les choses et la conscience. Les choses contre la conscience et la conscience contre les choses... [...]; 4. La question, enfin, de l'alter ego." *idem,* pp. 154-156.

[4] Do encontro de Sartre com a obra de Heidegger, pese embora todo um conjunto de mal entendidos, BHL assinala três 'efeitos' fundamentais: "1. Le privilège des choses [...]; 2. L'idée de 'facticité' [...]; 3. Le sens, enfin, du futur." *idem,* pp. 167/169.

[5] Diz HBL a propósito dessa apropriação que Sartre faz do pensamento dos outros com quem dialoga: "Une pensée qui ne pille plus, ne ment plus, une pensée qui, avec les autres pensées, cesserait de se conduire en pensée-pirate, les prenant de haute lutte et leur inoculant, au passage, le venin de sa propre pensée, serait une pensée sans pensée – pensée morte, pensée figée, fin de la grande pensée des grands vivants." *idem,* p. 136.

como confessou a Simone de Beauvoir. Esse desejo revela-se na sua obra multifacetada: romance, teatro, ensaio, biografia, jornalismo, filosofia, atingindo em todas as áreas um lugar de destaque, o que leva BHL a designá-lo *l'intellectuel total,* pois nenhum outro autor contemporâneo exibe essa versatilidade associada à inegável qualidade dos textos produzidos[6].

A sua paixão pela escrita, incutida desde cedo pelo avô Schweitzer, que se revela uma espécie de obsessão, persegui-lo-á durante toda a vida, materializando-se contra si próprio nos excessos necessários para a sua produção e que se repercutem na debilidade física que o perseguirá nos últimos anos de vida[7].

Fiel ao princípio, expresso em *Qu'est-ce la littérature?,* de que se escreve ancorado no tempo, para intervir no seu tempo, Sartre deixa transparecer na sua obra o diálogo, as influências, e logo após o esforço para a superação, uma espécie de sucessivas resoluções edipianas, dos autores que o marcam ou marcam a sua época. Assim se passa em relação a André Gide[8], uma espécie de *maître à penser*, que é a figura cimeira em França no período entre as duas guerras, como se irá passar na filosofia em relação a Hegel, Nietzsche, Husserl e a Heidegger, com menor ou maior sucesso.

Mas, no dizer de HBL, há uma zona de ocaso[9], um momento de vira-

---

6 Após uma breve comparação da obra de Sartre com as obras de Bataille, Blanchot, Merleau-Ponty, Aron, Camus, BHL conclui: "[...]Sartre est le seul de sa génération à investir à la fois tous les genres. Il est le seul à occuper le terrain, tout le terrain, disponible. Il est le seul, comme il dira, plus tard, dans une formule magnifique, à "écrire en tant de langues que les choses passent de l'une à l'autre"." *idem,* pp. 64-65.

7 "Sartre croit, comme Flaubert, comme Céline et, donc, comme Proust, que rien n'est moins "naturel" que d'entrer dans ce temps désenchanté de l'écriture et c'est encore pourquoi il recourt, et doit recourir, à l'accélérateur de particules mentales qu'est la drogue. Sartre drogué ? Bien sûr. Forcément. Parce qu'il ne croit pas que la littérature soit la continuation de la vie par d'autres moyens. Parce qu'il faut un forceps pour entrer dans cet état second – à la lettre, second – qu'est l'état littéraire. La drogue abrutit-elle ? C'est l'avis, avec quelques autres, du Kant de la *Métaphysique des mœurs* soulignant comment, à l'instar des "boissons fermentées" et autres "produit du règne végétal", elle produit un "engourdissement de soi-même". Sartre est – après Baudelaire, Gautier, De Quincey, Roussel, Michaux – sur la ligne inverse: celle qui plaide pour un usage littéraire, et nécessaire des paradis artificiels." *idem*, p. 285.

8 A propósito da influência de André Gide em Sartre, sobretudo nos textos da juventude, diz Bernard-Henri Lévy: "On a parlé de Stendhal comme maître à vivre du jeune Sartre. On a parlé des grands moralistes français – Pascal, La Bruyère, La Rochefocauld – comme sources de son style très particulier de lucidité. Mais c'est, d'abord, la voix de Gide que l'on entend dans tous ces textes sartriens." *Idem,* p. 115.

9 "Que s'est-il produit, qu'a-t-il *dû* se produire, dans son œuvre, dans sa vie, au croisement peut-être de l'œuvre et de sa vie, dans l'ordre indistinct de ces "gextes" dont on ne sait s'ils sont gestes ou textes, pour cet homme libre, ce rebelle, ce personnage flamboyant, ce dandy, cet antitotalitaire résolu et définitif, celui que j'ai appelé le "premier Sartre", tourne le dos à ce qui faisait sa grâce et devienne ce grand égaré, complice des pires staliniens, accumulant, de Vienne à Moscou, ou de La Havane à Pékin, des prises de position, des textes, dont ni la

gem, quando após a experiência do cativeiro em Stalag e a representação no campo concentração da peça de teatro *Bariona,* nas suas palavras: uma espécie de fábula sobre a Ocupação e a Resistência[10], Sartre inflecte a sua filosofia, ou a abandona mesmo, e envereda pela acção política, se aproxima do PCF e do estalinismo.

Parece-nos, no entanto, oportuno colocar a seguinte questão: terá sido alguma vez Sartre estalinista? A questão torna-se pertinente porquanto BHL nos apresenta um Sartre que, na sua interpretação, teria perfilhado durante um certo período da sua vida posições estalinistas. Ora, o que acontece, é que mesmo nos textos onde essa proximidade poderia parecer maior, referimo-nos a *Les communistes et la paix*[11] ou *Les fântome de Staline,* mesmo aí, após situar historicamente os textos, e perceber as circunstâncias que estão na sua génese[12], nunca é a figura de Estaline ou a interpretação que este fazia do marxismo, que são defendidas mas, bem pelo contrário, aquilo que Sartre procura recuperar é um Marx e um marxismo das origens, o Marx da juventude onde a dimensão humana, o papel do sujeito na história, ainda não tinha sido subsumida cegamente a categorias abstractas que dariam conta cientificamente dos acontecimentos. Uma leitura atenta e com espírito crítico de *Question de Méthode* julgamos ser suficiente para dissipar esta interpretação claramente ideológica, e que por isso oculta mais do que aquilo que quer revelar.

A verdade é que Sartre atravessa um século conturbado, e se numa primeira fase vive como um espectador distante, mais interessado na sua produção literária e filosófica, do que na participação activa nas questões sociais e políticas, como o faziam já na época os seus companheiros, Nizan e Merleau-Ponty, a experiência da guerra e do cativeiro fá-lo-á inflectir decisivamente no sentido da participação activa na sociedade do seu tempo. A sua adesão ao marxismo, o seu *engagement* político, a sua opção pelo colectivo e o abandono do individualismo, que não do indivíduo, serão as marcas do segundo Sartre para profundo desagrado de BHL. O que não será de estranhar para quem nos anos oitenta gravitou tão perto do movimento da *nouvelle droite*, que de nova apenas teria o nome.

---

brume ni les théorèmes de l'erreur et de la vérité ne suffisent à rendre compte ? C'est la question la plus difficile. C'est le secret le plus insondable car, par principe, le mieux protégé." *Idem*, p. 503.

10 cf. *idem.* p. 364.

11 "Il est vrai: le but de cet article est de déclarer mon accord avec les communistes sur des sujets précis et limités, en raisonnant à partir de *mes* principes et non de *leurs*; [...]" Sartre, J.-P., "Les Communistes et la Paix", in *Situations, VI, Problèmes du Marxisme, 1,* Paris, Editions Gallimard, 1964, p. 168.

12 Sartre escreve para defender as teses da esquerda, sobretudo do PCF, que ele considerava na altura ser o único partido de esquerda credível, face aos ataques de que era alvo pela direita francesa.

L'Espoir maintenant[13] resultado do último conjunto de diálogos entre Sartre e Bénny Levi que gerou acesa polémica na altura da sua publicação em *Le Nouvelle Observateur*[14] é neste estudo de HBL considerada uma obra de assinalável importância, por um lado, porque marcaria um regresso de Sartre às grandes questões metafísicas e, por outro lado, porque o judaísmo e o povo judeu permitiram uma espécie de *revanche* de Sartre contra Hegel. O que não podia deixar de agradar a um judeu, como é o caso de BHL. A filosofia da história hegeliana mostrava a sua inconsistência, e essa inconsistência era a própria história do povo judeu que a demonstrava, uma vez que, ao contrário do que defendia Hegel, era possível uma história à margem de uma história dos estados[15]. Por outro lado, em *L'Espoir maintenant* Sartre teria, mais uma vez no diálogo com o judaísmo, encontrado um conceito chave para resolver o impasse da sua obra inacabada, a moral prometida em *L'Etre et le Néant*, e esse era o conceito de *obrigação,* que libertaria o indivíduo dessa 'distância intransponível ao outro', ou dessa 'fraternidade-terror' do grupo em fusão. Na opinião de BHL a *sagesse juive* recolocou Sartre de novo no terreno da filosofia. Porém, a controvérsia que se seguiu foi imensa, tendo mesmo levado Simone de Beauvoir a duvidar dessa aproximação ao judaísmo, dessa espécie de conversão, e a limite da autenticidade ou capacidade do 'seu companheiro de sempre', agora escrevendo pelas mãos de um outro e lendo pelos olhos de um outro, ter plena consciência, no crepúsculo da sua vida, do que era escrito a coberto da sua voz.

Sartre foi um homem polémico mas de profundas convicções, e isso transparece das causas que defendeu, nos combates que alimentou contra as múltiplas faces da injustiça e do fascismo, nas inúmeras intervenções públicas que marcaram a sua vida e, talvez ainda de forma mais evidente, nos sucessivos confrontos com os seus companheiros que conduziram a rupturas na maior parte dos casos insanáveis. Assim aconteceu com Raymond Aron,

---

13 *L'Espoir maintenant, Jean-Paul Sartre, Benny Lévy: Les entretiens de 1980*, 1991. A propósito deste texto diz BHL: "Sartre, dans ce livre, ne fait pas de "politique". Il ne donne pas à ses amis maos, comme dans *On a raison de se révolter*, des armes pour se battre ni pour abolir en soi la position de l'intellectuel. Il pense. Il recommence de penser. Et c'est ce que la vieille garde sartrienne, mais aussi les lecteurs, et la plupart des commentateurs, ont étrangement refusé de voir." Lévy, Bernard-Henri, *op. cit.*, p. 647.

14 Cf. http://www.mle.asso.fr/verdier/philosophie/titres/lespoir_maintenant.htm

15 "Il restait une réalité dont jamais l'hégélianisme n'a su rendre compte et qui, si lui, Sartre, l'avait prise en compte, aurait suffi à dérégler le système, à le mettre en échec. Cet impensé de l'hégélianisme, c'est le judaïsme. Ce point aveugle, cet éternel démenti à toute philosophie ne concevant l'Histoire que dans la forme d'une histoire des "Etats", avec leur "rapports avec d'autres Etats", c'est ce peuple sans Etat que fut longtemps le peuple juif. La preuve que l'Histoire n'est pas hégélienne, la preuve, dit-il exactement, que l'on peut "décrocher par rapport à la philosophie de l'Histoire", la preuve que Hegel n'a pas toujours raison et que, donc, il n'a pas raison du tout – car que serait un hégélianisme qui aurait raison parfois ?" *idem*, pp. 650-651.

Merleau-Ponty, Camus, para referir só algumas delas. Mas, para além de polémico, Sartre foi um autor não só mal amado pela crítica como vilipendiado por uma certa intelectualidade burguesa bem pensante que o arrastou pela lama[16], o que, no dizer de HBL, só terá tido paralelo nas ignomínias dirigidas a Spinoza e a Voltaire.

Sartre ter-se-á enganado amiúde, terá mesmo tomado posições que olhadas à distância nos parecem pouco consentâneas com um indivíduo da sua envergadura intelectual, ainda assim, como ele dizia, *"il faut y regarder plus prés"*. Ser julgado pela história e pelos homens, esse é o risco que correm todos os que ousam tomar partido, que decidem ultrapassar a condição de meros espectadores da existência e que optam por *fazê-la*, e que assim sendo não hesitam "sujar as mãos". De Sartre poderíamos dizer o que disse de si o poeta: "sobrevivi a todos os cães que ladraram na minha infância."

16 Tenha-se presente a este propósito o teor de muitas das críticas aquando da publicação de *L'Etre et le Néant,* e, de igual modo, as que foram acompanhando a sua produção literária.